



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**AUGUSTO CESAR RIOS LEIRO (2)**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-735

**Entrevistado:** Augusto Cesar Rios Leiro

**Nascimento:** 31/07/1963 em Salvador

**Local da entrevista:** Via Internet (Skype). Entrevistado em Salvador (BA) e entrevistadora em Goiânia (GO).

**Entrevistadora:** Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 12/01/2017

**Transcrição:** Christiane Garcia Macedo

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 33 minutos e 36 segundos

**Páginas Digitadas:** 10 páginas

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento com a história e o Movimento Estudantil; Cursos de Formação em Educação Física na Bahia; Início do Centro de Memória do Esporte e da Educação Física da Bahia; Trabalho no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Reunião no Clube Campomar e fundação simbólica do Centro de Memória; Doações de materiais; Produção de vídeos históricos com professores; Acervo; Trabalhos de Conclusão de Curso; Pesquisas; Organização do acervo e do espaço; Outros espaços de memória na Universidade Federal da Bahia; Definição de Centro de Memória; Considerações finais.

Goiânia [e Salvador], 12 de janeiro de 2017. Entrevista com Augusto Cesar Rios Leiro a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Cesar, primeiro: muitíssimo obrigada. É uma honra poder te entrevistar. E eu queria que você começasse falando sobre como você se envolveu com o Centro de Memória e como foi a idéia da criação desse centro na UFBA<sup>1</sup>.

A.L. – Primeiro, eu quero te parabenizar pela sua pesquisa. Todos nós já sabíamos o potencial de pesquisadora que você sempre demonstrou e, sobretudo, o fato de você participar do CBCE<sup>2</sup>, acabou inspirando ainda mais essa compreensão e inclinação como pesquisadora. Eu quero dizer que a minha participação histórica na Educação Física, se deu inicialmente na ambiência do movimento estudantil, falo do início da década de 1980, isso me despertou um interesse de guardar um pouco dessa história. Então, desde esse tempo, eu guardo coisas da Educação Física. Eu tenho uma coleção de cartazes dos Encontros Nacionais de Educação Física, uma coleção de documentos da oposição as APEFs<sup>3</sup> e FBAPEF<sup>4</sup>, da qual participaram vários personagens importantes da história da Educação Física. Uma experiência política que promoveu deslocamentos de posições ao longo da história, nesse processo de afirmação de uma Educação Física crítica. E ao me envolver com essas experiências eu fui, portanto, desenvolvendo um interesse historiográfico. Sempre acreditei que um dia esse conjunto de materiais poderiam fazer parte da memória bem como de objeto de pesquisas de coletivos, grupos e Centros de Memória da Educação Física. Evidentemente que era uma idéia completamente desprovida de critérios, não tinha um horizonte de pesquisa, não tinha nada disso. Tinha apenas o desejo de que as gerações futuras pudessem conhecer um pouco daquilo que mobilizava, no início da década de 1980, os sujeitos políticos da Educação Física. Bom, isso se desenvolveu, durante algum tempo inclusive eu fui convidado a participar de alguns encontros nacionais para falar exatamente desses primeiros ENEEFs<sup>5</sup> e de algumas outras situações da política da Educação Física de um modo geral. Tais fatos, portanto, eu poderia caracterizar como esse

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia.

<sup>2</sup> Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

<sup>3</sup> Associação dos Professores de Educação Física.

<sup>4</sup> Federação Brasileira de Associações de Professores de Educação Física.

<sup>5</sup> Encontros Nacionais de Educação Física.

interesse embrionário com a preservação e a edificação de espaços que pudessem circular o conhecimento que historicamente foi produzido na Educação Física. É importante dizer, fazendo um salto, no caso específico aqui da Bahia, o que ocorreu. A Universidade Católica de Salvador foi o primeiro curso no início da década de 1970, e esse curso nas décadas de 1970 e 1980 se constituiu na única experiência formativa na área. E é nessa instituição que eu ingressei para fazer o curso de Educação Física. Lá eu participei dessas experiências que fiz referência em relação ao Movimento Estudantil, vivíamos um tempo muito difícil que ainda era o período final da ditadura militar. Nestas circunstâncias tornei-me liderança local e nacional e possibilitou conhecer outras lideranças e isso, portanto, me colocou também num lugar de recorrentemente ser convidado para visitar outras universidades para falar sobre a história do movimento estudantil, como fiz referência. Depois, é importante fazer esse registro, foram criados aqui na Bahia outros cursos de Educação Física, como o curso da Universidade Federal da Bahia, também os cursos das Universidades Estaduais, da UNEB<sup>6</sup>, da UEFS<sup>7</sup>, UESB<sup>8</sup>, UESC<sup>9</sup>. E o *boom* das instituições privadas que constituem hoje uma quantidade enorme de cursos de Educação Física. Portanto, os atuais estudantes de Educação Física têm ainda poucas chances de conhecer a história da formação em Educação Física na Bahia. Tal situação decorre da falta de espaços coletivos para tratar do tema, reduzindo iniciativas isoladas, de pesquisadores e de quem guardava coisas. E eu fui a partir daí, me interessando em constituir de fato um espaço institucional que fosse capaz, não só de receber esse conjunto disperso de materiais que estavam na mão de vários professores que se interessavam pela história, ainda que de forma fragmentária. E também porque eu acumulei um monte de coisa na minha casa e parei pois não dava mais. Já estava dando problema isso, de tanta coisa que se tinha e por aí vai. Eu então comecei a fazer uma coisa que foi colocar os cartazes dos Encontros todos em moldura. Fiz um investimento pessoal. Tanto é que eu tenho os primeiros cartazes dos ENEEFs como disse, cartazes dos Seminários de Educação Física e das Jornadas do CBCE da Bahia, ambos eventos entre os mais longevos da Educação Física e Esporte do Brasil. Inclusive estive aí temporariamente no Centro de Memória da Educação Física e Esporte da Rio Grande do Sul, liderado pela colega Silvana, o que ajudou na sua preservação e esta virtualmente disponível. E eu juntei outros. São vários materiais. Essas circunstâncias

---

<sup>6</sup> Universidade do Estado da Bahia.

<sup>7</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana.

<sup>8</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

todas, me fizeram apresentar uma proposta que foi aprovada na congregação<sup>10</sup> da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, constituindo, portanto, um Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Bahia. Ato contínuo, eu dialoguei com os com o colega Tarcisio Mauro Vago do Centro de Memória da Universidade Federal de Minas Gerais e visitei também o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, esse que você participa, esses dois são minhas referências. Conversei, procurei saber, visitei pessoalmente, e confesso que fiquei muito encantado. E aquele sonho que eu tinha, de um dia ter um espaço para juntar todo esse material ele reavivou. A aprovação na Congregação... Foi aprovado. Mas de fato, não conseguimos recursos para viabilizar, do ponto de vista técnico, um lugar que pudesse ser capaz de socializar o acervo, a produção literária, pensei em algumas estantes, algumas coisas, sala para eventuais projeções fílmicas, sobretudo porque eu tenho uma grande inclinação pela comunicação e minha pesquisa é no âmbito do Grupo de Trabalho Temático de Comunicação e Mídia. Uma passagem importante impulsionada também pelo fato de eu ter sido, não só membro, mas fui também coordenador do GTT de Comunicação e Mídia e fui também da Direção Nacional, exatamente na Direção de Comunicação do CBCE. Essas experiências no CBCE reavivou ainda mais o sentimento preservacionista. Assim, durante o tempo que estive a frente do CBCE, junto com outros colegas, socializamos o conjunto da produção de revistas da história do CBCE, fizemos alguns vídeos memoriais sobre os trinta anos do CBCE. A frente da direção de comunicação, produzimos mais registros do que tudo que encontramos ao longo da história da CBCE. No CONBRACE<sup>11</sup> que aconteceu em Salvador, certamente produzimos um banco de imagens e editamos outros tantos que circulam nas telinhas dos CONBRACES e GTTs. Talvez o CONBRACE de Salvador tenha produzido mais imagens do que toda a história anterior do CBCE. Depois do evento, eu me dediquei e por seis meses eu fiquei no estúdio, editando vários vídeos, que se constituiu hoje uma memória importante para a história do CBCE. Portanto, é o conjunto de todas essas experiências minhas que me fizeram retomar esse processo. Ou seja eu já havia apresentado uma proposta, ela ganhou força e carimbo institucional, mas ela não se materializou ainda. Então eu encaminhei um projeto para a Rede CEDES, para criar o Centro de Memória da Educação Física da Bahia, mas o projeto, infelizmente, ele não foi

---

<sup>9</sup> Universidade Estadual de Santa Cruz.

<sup>10</sup> Reunião que aconteceu no dia 06/10/2008.

<sup>11</sup> Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

aprovado, que fez com que eu adiasse mais uma vez essa experiência. Adiantando esse que até hoje a gente não conseguiu consolidar esse espaço. Mas ao longo desse processo eu comecei a ser mais procurado por alguns colegas. Um episódio que eu acho importante destacar foi que eu recebi o convite de alguns professores para visitar suas residências, professores mais velhos, professores importantes da história da Educação Física da Bahia, e recebi atas, convites de formatura e outros documentos para um dia poder tecnicamente socializar. E a partir desses convites eu organizei uma reunião, juntamente com outros colegas, que aconteceu no clube Campomar<sup>12</sup>, e nessa reunião eu convidei vários desses senhores e outros professores, fizemos um bom registro fotográfico. E foi uma reunião que nós intitulamos como reunião de fundação simbólica do Centro de Memória da Educação Física da Bahia. Nessa reunião eu apresentei aquilo que imaginei como projeto do Centro de Memória, trouxe um pouco de uma relação entre o que significa do ponto de vista teórico um Centro de Memória, o que significava também de um ponto de vista histórico para as novas gerações. Nessa reunião, que infelizmente muitos que participaram dessa reunião já faleceram, nós tivemos a oportunidade de sair recolhendo depoimentos. Então colhi depoimentos de vários professores e imagens sobre isso. Passado esse episódio, nós voltamos aqui para o nosso grupo de pesquisa – Mídia/memória, Educação e Lazer – Mel da Universidade Federal da Bahia, já com dois passos dados, um que foi a aprovação institucional e o segundo que foi a fundação simbólica de um Centro de Memória. Dentre os documentos que recebi, é digno de nota, o convite do professor Alcir Fraga Ferraro<sup>13</sup> que é um professor fundador da Escola de Educação Física, tanto da Universidade Católica, como da Universidade Federal da Bahia. Na sua residência e disse que ele estava com um grande acervo, que são todas as atas da APEF da Bahia. E por que essas atas são importantes? Porque o primeiro curso de Educação Física da Bahia ele é resultante da luta da APEF. Então essas atas elas registram momentos históricos importantes de como se desenvolveu essa luta, ao lado disso também um conjunto de fotografia e recortes de jornais. Ele me entregou e eu sai da casa dele como se eu tivesse recebido um tesouro. E perguntei a ele: “Professor, isso aqui não é melhor o senhor doar logo para a Universidade?”. Ele falou: “Não, eu sei que ainda não tem um espaço, eu já sou uma pessoa de uma certa idade e eu gostaria que você aceitasse esse documento e deixasse sobre sua guarda, até a gente ter um Centro de Memória mesmo”. Bom, para mim foi uma

---

<sup>12</sup> Clube Recreativo Campomar, em Salvador.

<sup>13</sup> Alcir Naidiro Fraga Ferraro.

coisa muito emocionante, mas de muita responsabilidade. Peguei isso está guardadinho lá em casa, tudo lá aquelas coisas preciosas. Depois o professor Antonio Jesuíno dos Santos que era professor de primeiros socorros, era médico, não era professor de Educação Física, mas sempre trabalhou nos cursos de Educação Física, me procurou, ele chamava todo mundo de maninho “Maninho Cesar Leiro, é o seguinte, eu tenho uma coisa para te passar aqui e tal”. E aí me passou uma caixa. Nessa caixa ele tem pelo menos uns trinta convites de formatura das primeiras turmas de Educação Física da Bahia. Eu falei: “Mas professor isso aqui...”. Ele falou: “Guarda, já conversei com o Alcir, que disse para deixar com você”. Aí me entregou! Depois cada reunião que eu ia alguém me entregava alguma coisa. Isso é bom do ponto de vista do reconhecimento de uma confiança, mas do ponto de vista institucional, ele precisa imediatamente ganhar esse espaço, que o Rio Grande do Sul já tem, que Minas tem e que muitos outros lugares pretendem ter e que certamente com sua pesquisa ganharão grande impulso. Então eu mudei um pouco a estratégia para não perder coisas e personagens. Então eu criei uma série em vídeos, chamada Memória dos professores de Educação Física e fiz já com quatro professores em dois vídeos. O primeiro é sobre a professora Maria Helena Affonso de Carvalho, que é uma das primeiras professoras. Ela não era do curso de formação Educação Física, mas teve uma presença histórica importante. E ela, à época da entrevista, era uma das mais velhas professoras de Educação Física da Bahia. E ela teve uma presença política muito importante, porque ela foi considerada a mãe dos presos políticos da Bahia, porque ela teve dois filhos que foram presos políticos. Fiz uma longa entrevista com a professora Maria Helena, conhecida como Dona Iaiá e isso gerou um primeiro vídeo, que foi um vídeo inclusive apresentado já no CONBRACE e sempre me procuram aqui o vídeo está sendo apresentado. Depois eu fiz o segundo que é o “Trio Regina: o aroma da Educação Física tradicional da Bahia”. Eu peguei os três ícones, professores de Educação Física, professor Alcir Ferraro, esse que me deu os documentos, o professor Fernando José da Cunha Chagas, conhecido como BC e o professor Nilton Miranda. Peguei os três professores que eram muito amigos, foram importante sobretudo no primeiro curso de Educação Física. Entrevistei eles em momentos diferentes e recolhi imagens tanto da fundação como das homenagens que fizemos para eles. Assim, surgiu o segundo vídeo: Trio Regina. É um vídeo também muito interessante. Nesse vídeo, o professor Alcir sobretudo, ele conta as diversas iniciativas para constituir o primeiro curso de Educação Física, este que acabou acontecendo no início da década de 1970. Portanto o Centro de Memória, ele não existe com materialidade em um espaço



físico, mas ele existe na medida em que há um reconhecimento e a entrega de alguns documentos e produção de vídeos e publicação de livros. Participo desse esforço coletivo de ter um espaço que possamos guardar e socializar o patrimônio memorial imagético e material, e que vai nos ajudar bastante a contar um pouco da história da Educação Física. Então nesse sentido que eu considero que o Centro de Memória da Educação Física da Bahia, ele é uma experiência em construção. Porque se de fato ele não existe em um local próprio e apropriado, mas ele já existe do ponto de vista da recolha de documentos, da gravação e produção de vídeos temáticos. O próximo vídeo contará a história do professor George Ocoama de Almeida Arcanjo que também foi um professor fundador do curso da UCSal<sup>14</sup>. A professora Iaiá infelizmente já faleceu, mas foi no lançamento do vídeo dela. O professor Fernando Chagas também já faleceu e perdemos outros professores que não alcançaram esse projeto, mas eu acho que podemos dizer isso, que se trata de um Centro de Memória em construção e que guarda, na sua pesquisa Christiane, uma expectativa de que possamos sensibilizar pessoas e autoridades para fortalecer essa luta pela afirmação dos Centros de Memória da Educação Física no Brasil inteiro.

C.M. – Esses materiais estão todos na sua casa ou tem alguma coisa aí na Universidade?

A.L. – Fica parte na minha casa e parte na UFBA. As coisas que estão na minha casa foram aquelas que foram doadas pessoalmente para eu cuidar. E que depois eu vou fazer a doação para o Centro de Memória. Considero que mesmo sendo entregue a mim, eu acho que foi entregue muito como uma confiança de passagem. Ou seja, me cabe depois entregar para o Centro de Memória, que eu tenho lutado muito para que ocorra, mas eu dependo de uma série de outras coisas. Inclusive eu tenho estado aberto a pessoas e estudantes que se interessem em discutir a categoria teórica memória, porque isso pode fortalecer. Já tive algumas orientandas e orientandos que discutem isso, mas eles acabaram por se envolver não com o Centro de Memória em si, mas a memória da Educação Física em suas instituições, como é o caso, por exemplo, do IFBA<sup>15</sup>. Mas todas essas experiências se somam ao processo. Acho que vale a pena também registrar, que estive na Arena Fonte Nova, porque fui conselheiro do Conselho Estadual de Esporte e Lazer do estado da Bahia e na condição de conselheiro, em visita coletiva a direção da Arena Fonte Nova, eu

---

<sup>14</sup> Universidade Católica de Salvador.

<sup>15</sup> Instituto Federal da Bahia.

reivindiquei um espaço. Estava previsto nos projetos de legados da Copa<sup>16</sup>, um espaço para um Centro de Memória ou um memorial do esporte e do futebol. Mais uma estratégia. Imagino que se a gente conseguisse convencer as Arenas e setores da mídia a fazer um investimento em memória do futebol e esporte alcançaríamos também a Educação Física. Acho que era absolutamente possível que nós tivéssemos um Centro de Memória do Esporte da Bahia, ao lado de Centros de Memória do Futebol, porque ele tem um apelo próprio, e ali poderíamos acolher também alguma coisa da Educação Física. Ou então dentro da própria universidade. São caminhos, todos eles são interessantes desde que a gente consiga realizar essa edificação do Centro de Memória da Educação Física e do Esporte da Bahia.

C.M. – Os documentos que você tem aí na universidade estão onde?

A.L. – Eles ficam aqui nos armários do Grupo MEL, que é um grupo vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

C.M. – Vocês têm documentos sobre os cursos de formação da Educação Física ou tem alguma coisa sobre história do esporte e de outras práticas aí na Bahia?

A.L. – Nós temos um outro grupo aqui, que é o Grupo Corpo, que se interessa pela discussão da história, liderado pelo professor Coriolano Júnior<sup>17</sup>, e ele faz essa pesquisa mais memorial sobre o esporte. E ele tem, junto aos orientandos dele uma produção que é muito importante. E os professores Roberto Gondim e Professor Felipe Marta da UESB. As iniciativas de pesquisa deles são normalmente socializadas nos congressos de história, da ANPUH<sup>18</sup>. Fora isso são sempre coisas muito dispersas. Eu sempre encontro colegas, que me falam: “E aí? O Centro de Memória... Eu tenho lá alguma coisa, isso, aquilo”. Mas eu não estimulo muito a entrega, porque eu não tenho como tratar tecnicamente tudo isso, mas eu peço sempre que eles guardem aquilo que eles consideram importante, para um dia quando a gente tiver esse espaço, tudo será muito importante.

---

<sup>16</sup> Referência a Copa do Mundo FIFA 2014, realizada no Brasil.

<sup>17</sup> Coriolano Pereira da Rocha Júnior.

<sup>18</sup> Associação Nacional de História.

C.M. – Mas em relação aos documentos que já estão aí, não tem sobre outras práticas? É mais sobre os cursos de formação e a APEF? A APEF está na sua casa?

A.L. – É... sobre as atas da APEF e sobre os cursos de formação. Mas do ponto de vista do esporte propriamente dito, eu acho que essa é uma outra frente que eu participo, mas não como pesquisador. Mas eu sou vinculado a um clube aqui da cidade, que é a Associação Atlética da Bahia, que é um clube centenário e eu sempre estímulo lá a criação de um Centro de Memória, mas seria uma coisa mais clubística, vamos dizer assim. Mas eu imagino que se a Associação Atlética, que é um dos clubes mais antigos aqui, tomar a iniciativa de fazer isso, certamente outros clubes fariam. E você sabe a cidade de Salvador é uma cidade antiga, é uma das mais importantes cidades do Atlântico Sul. E Salvador por ter sido a primeira capital do Brasil, tem clubes e instituições centenárias. Então eu acho que nós temos capacidade de reunir um bom material. Porque nós temos os escritórios históricos aqui em Salvador. A cidade de Salvador tem um bom acervo, como cidade e como estado, por tudo que já construiu ao longo do tempo. O que precisaria é a gente ter esse espaço para disponibilizar documentos, filmes, dados sobre Olimpíada Bahiana da Primavera, sobre a presença de homens e mulheres no esporte da Bahia, enfim é uma tarefa grande, uma tarefa de gerações.

C.M. – Tem alguém mais participando dessas iniciativas, além de você?

A.L. – Aqui tem alguns alunos, que através de TCCs<sup>19</sup> fazem levantamentos históricos sobre times antigos e outro dia mesmo eu orientei aqui um TCC sobre o Leônico que é um time que já está um pouco desativado. Teve um sobre a história do Botafogo. E agora recentemente, para a minha alegria, orientei um trabalho sobre a história do Ypiranga<sup>20</sup>, que é o meu time do coração e que é o time de Jorge Amado<sup>21</sup>, de Irmã Dulce<sup>22</sup>, de Mestre Pastinha<sup>23</sup>, de figuras importantes da Bahia. Portanto, tem assim iniciativas de um clube, outro... E agora de pesquisas sobre instituições como fiz referência anteriormente.

---

<sup>19</sup> Trabalhos de Conclusão de Curso.

<sup>20</sup> Esporte Clube Ypiranga.

<sup>21</sup> Jorge Leal Amado de Faria.

<sup>22</sup> Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes.

<sup>23</sup> Vicente Ferreira Pastinha.

C.M. – Além dos trabalhos de orientação vocês têm feito alguma pesquisa com os documentos que vocês tem aí?

A.L. – Não, as experiências de pesquisa foram tópicas, elas tinham uma temática, em torno de uma dissertação ou de uma tese e elas foram concluídas em si. Elas não conseguiram impactar em um movimento que pudesse reunir várias produções sobre episódios históricos e sobre história da Educação Física da Bahia.

C.M. – Ainda sobre os documentos que você recebeu, você fez algum tipo de organização? Algum tipo de mudança nesses arquivos ou eles estão como você os recebeu?

A.L. – Não, os documentos que eu recebi eles já chegaram bastante organizados do meu ponto de vista. Eles já chegaram organizados por que o professor Alcir e o professor Jesuíno, eram organizados. Pouca coisa. Alcir está vivo, forte, ainda é um parceiro dessa luta. E o professor Jesuíno já faleceu. Mas eles entregaram tudo organizadinho, nas pastas, tudo muito bem feito e tal, é uma contribuição digna de nota.

C.M. – Vocês pensam em pegar ou já pegaram algum material do arquivo da própria instituição, da própria Federal da Bahia?

A.L. – Especificamente, não. Mas aqui tem outro professor, o professor José Ney Santos que participou historicamente da construção do curso que tem algum material. Enfim, o que eu considero é que nós estamos no entorno de várias possibilidades historiográficas e memoriais. Mas, a falta de um Centro de Memória, não ajuda na mobilização e no tratamento desse conjunto de documentos. Eu acho que se a gente tivesse um Centro de Memória, nós pipocaríamos em pesquisa, documentos, flâmulas, troféus, coisas que fazem parte da história do esporte na Bahia e que infelizmente estão dispersos perigosamente.

C.M. – Você chegou a fazer algum projeto de extensão na Universidade?

A.L. – Não.

C.M. – A Federal da Bahia tem outros espaços de memória? Museus ou arquivos que podem ajudar o Centro de Memória da Bahia?

A.L. – A UFBA é uma instituição histórica do Brasil, primeira instituição de ensino superior no Brasil, foi aqui na Bahia a Faculdade de Medicina. E ao longo do tempo, desde o reitor Edgard Santos<sup>24</sup> para cá, são muitas as iniciativas culturais, inclusive a UFBA tem Museu próprio. Tem museus, tem curso de museologia, portanto tem uma vocação sobre esse tema e várias referências museais sobre isso. Eu mesmo oriento um trabalho que é sobre museu e educação, não é especificamente sobre esporte, mas sobre museu e educação, e a partir desse contato eu pude perceber a qualidade e a possibilidade técnica que a UFBA tem de ajudar na edificação desse Centro.

C.M. – Como você definiria um Centro de Memória?

A.L. – Lógico, nós temos já uma boa produção sobre isso. O próprio GT de Memória do CBCE é um lugar especial para nos ajudar a definir isso. Mas eu pessoalmente considero que os Centros de Memória ele cumpre um papel não só de reunir documentos, equipamentos, materiais, imagens, depoimentos, tudo que constitui uma história de um curso, de uma formação, mas ele é sobretudo a possibilidade de nós pensarmos o futuro das instituições. Portanto, é como já foi dito inclusive, o maior presente que nós podemos dar, no caso específico para a Educação Física, é a constituição de um espaço que possa fazer com que a gente reflita sobre o nosso passado. Portanto, sem os Centros de Memória, o futuro nosso da Educação Física não tem muita possibilidade no presente.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você deseja registrar ou falar?

A.L. – Por fim, eu gostaria de dizer que é muito importante que nós retomemos não só na ambiência da Rede CEDES, mas também nas Universidades especificamente, editais e iniciativas que possam apoiar os Centros de Memória. Evidentemente que o fato de eu estar dividido entre uma série de outras atividades impede de eu colocar um tempo maior só nessa questão. Mas eu estou certo que editais, iniciativas técnicas, visitas nacionais,

---

<sup>24</sup> Edgard do Rêgo Santos, Reitor da UFBA de 1946 a 1952.

exposições que são realizadas sobretudo aí no Rio Grande do Sul e em Minas, certamente podem despertar nas autoridades e nas pessoas de um modo geral a importância dos Centros de Memória. Fica aí o convite para o Rio Grande do Sul fazer aqui uma grande exposição na Bahia, para tocar as mentes e os corações dos dirigentes daqui. Obrigado pelo convite, espero ter contribuído.

C.M. – Contribuiu muito. Muito Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]